



Olá, pessoal!

Para divulgar meu livro, preparei uma pequena seleção de crônicas (5 amostras) que você poderá ler a seguir. Antes de passar às crônicas (págs 5 a 12), caso lhe interesse, veja como o livro foi organizado:

- **Lembranças passadas e presentes**

São relatos verídicos de fatos acontecidos há muito tempo ou mesmo recentemente. As crônicas sob essa divisão são as seguintes:

Fiel Anjo da Guarda
A Humanidade das Mães
Pivete, o pintinho rejeitado
A Maldade das Crianças
Criança pequena em Barbacena
O que move a humanidade?
Liberdade: o sabor da vida
Foto antiga
O mar, direito fundamental do homem
A lição dos finados
O Parquinho de Diversões
As Dores deste Mundo

O Suicídio do Escorpião

Vendedor de Picolé

- **Literatura & Cinema**

São crônicas nas quais estabeleço um diálogo com os livros que leio ou filmes aos quais assisto, que continuam em diálogo constante comigo. Sob essa divisão estão as crônicas a seguir:

A Vida na Literatura, a Literatura na Vida

A Grande Baleia Branca

Os Sapatos de Fernando Pessoa

Cidadezinha Qualquer

Condenação de Joaquim do Amor Divino

Desencontro Literário com Cora Coralina

Clássico não é sinônimo de ultrapassado

A importância do texto literário

O Chamado da Poesia

Reencontro com a literatura

Rubem Braga, poeta fracassado e os videntes armênios

Sensibilidade tem hora, Cora Coralina!

O Demônio Ruivo

- **Viagens**

São crônicas nas quais experimentamos vicariamente alguma experiência de viagem. Uma autora que escreveu muito sob essa temática foi Cecília Meireles. Sob esse tema, estão as crônicas a seguir:

Ouro de tolo

Crônica de Nova Iorque

Delicadezas

Cemitério Americano

Escadarias de Aparecida

Jumentinhos do Sertão
Livrarias de Buenos Aires
No es lo mismo

- **No Terreno da Ficção**

É a única sessão do livro não dedicada a crônicas. Contém narrativas (mini-conto e conto) e dois poemas.

A cigarra e a formiga... outra vez
A Gata Felina e o Rato Simplício: um casal não convencional
Em nome da fome
Vidas Secas
Baleia
Da carne ao pó; da pedra à carne
O Passageiro do Trem das Sete

- **Inquietações, assuntos sérios**

Sob essa seção, trabalhamos com temas mais gerais. Não estão ligados, como nas primeiras sessões, necessariamente, a experiências particulares. Eis as crônicas sob essa divisão:

A Hierarquização da Arte
As Pessoas Melhores que Nós
Crentes e não crentes: há um diálogo possível?
Sobre Liberdade e Acomodação
O Alto Preço da Democracia
Essa tal vara de pescar
Amigo, tecido social do mundo
Direito à Felicidade
O peixinho de Einstein
O racismo e o poder da arte
O Sagrado Direito à Liberdade de Expressão

O Vil Metal

Ressentimentos nas redes sociais

Ser professor hoje

Sobre esforçados e inteligentes

Educação para os “do morro”

Esse tal “bom selvagem”

- **Notícias**

São crônicas cuja temática foi despertada a partir de notícias colhidas na televisão, internet, etc. Como dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade, “De notícias e não-notícias faz-se a crônica”. Sob essa divisão estão os textos seguintes:

Novos tempos, novos dilemas

Ainda há muita gente boa no mundo... haverá?

Voo da morte: divagações sobre uma tragédia

A Morte em 30 Doses

Desnaturalizando crenças

O cachorro que ia à Igreja

Erros de uma tragédia anunciada

Um novo mundo de conexões

A língua foi feita para comunicar

Morrer no Everest

Exemplar 1 (Da seção: Lembranças passadas e presentes)

Fiel Anjo da Guarda

“A dor é a mais poderosa força que impulsiona a vida: não fosse a consciência da dor da morte, o homem não teria dado continuidade ao projeto de Deus, cultivar o mundo.”

(autoria desconhecida)

Quando eu era ainda bem pequeno, lá nos rincões do semiárido do Norte de Minas Gerais, onde nasci e me criei até os tenros anos da juventude, era muito comum encontrarmos, nos lares mais humildes, uns quadros com motivos de santos e anjos muito singelos e bonitos: São João com um carneirinho nos braços, Santa Luzia com seus olhos doces, as escadarias de Aparecida, São Jorge vencendo um dragão na distante Capadócia... Um que especialmente me enternecia os olhos tinha uma linda imagem, que, com as tintas da imaginação, um pouco esfumadas pela passagem do tempo, passo a pintar na mente do leitor.

Há um barranco, muito alto, e olhando para baixo percebemos que ali passa um riacho. Ao fundo, bem pequenina, nota-se uma casa humilde, e densa mata com árvores vetustas, fortes e imponentes escondem um pouco a luz do sol, que se infiltra pelas folhas, iluminando o centro da paisagem, onde, à beira do barranco, duas crianças brincam sem qualquer preocupação com o perigo iminente de caírem na água, ideia muito vivamente sugerida pelo quadro. Sempre me pareceu que as duas crianças eram irmãos, não sei o porquê. Eles têm aproximadamente uns cinco anos, são lindos, e parecem inebriados de felicidade. Brincam com uma grande bola colorida, e o brinquedo é o que pode fazê-los resvalar à boca do abismo que os espia, famélico.

Porém, ao lado, há um anjo lindíssimo, trajando um magnífico manto cor-de-rosa, com as mãos estendidas sobre as cabeças das crianças; delas cai um feixe de luz, simbolizando a proteção. O anjo destoa do resto da pintura, pois é imenso, em relação à proporção com as outras coisas descritas. Sempre me pareceu que aquele anjo fosse um ser do sexo masculino, mas, hoje, revendo esse belo quadro, e tendo já ouvido dizer há tanto tempo que os anjos não têm sexo, percebo que não é assim tão nítido. Parece também uma mulher. Outra hora parece homem. Mas, afinal, não importa: o importante mesmo é que é um ser de luz.

Minha mãe, para afastar os demônios que povoam o quarto escuro da imaginação das crianças, sempre me ensinava, à hora de deitar, a rezar por Gabriel, o Arcanjo. Eu não sabia que existia um “super-anjo”: se anjo já estava bom demais, imagine um anjo ainda mais poderoso? Mas, a gente cresce, nossas pétreas crenças tremulam, talvez por causa da nossa frágil, insegura condição humana.

Outra dia, passando por um cemiteriozinho muito velho e tristonho, possivelmente esquecido por todos os entes que ficaram deste outro lado do mundo, fiquei a observar a escultura de um anjinho sobre uma das poucas lápides que ainda resistiam recalcitrantes à passagem do tempo, se bem que desgastado pelas intempéries da natureza e pelo musgo, emprestando-lhe um ar ainda mais doloroso de se contemplar. O anjinho estava ali, vigilante, as mãos postas em oração, apelando a Deus por misericórdia, eternamente a velar o sono do falecido, consolo em meio à desolação do cemiteriozinho esquecido naqueles socavões solitários às margens de uma estrada.

E de repente, minha pálida descrença, ou talvez tênue dúvida, em relação às coisas da divindade, cederam lugar à imaginação, e compreendi enfim que os santos, os anjos, o amor de Deus, de Jesus, da Virgem Maria, servem para nos ajudar a suportar, a carregar o tão pesado fardo do ser humano, o único triste ser vivo a quem Deus, por algum motivo ignoto, deu-nos a consciência de nossa própria mortalidade.

Exemplar 2 (Da seção: Literatura & Cinema)

Sensibilidade tem hora, Cora Coralina!

Quem dá a lição, a moral da história, é a poetisa Cora Coralina, na opinião de Drummond, como na minha, “a pessoa mais importante de Goiás”.

Em uma poesia autobiográfica (“O Prato Azul-Pombinho”), a autora nos conta que, na sua casa, havia um prato muito especial, o último, de uma baixela de noventa e duas peças, que havia sido dada de presente de casamento aos seus avós, e que foi-se perdendo, espatifada nos acidentes domésticos, até restar apenas um exemplar, que, por isso mesmo, eram os mimos da avó, devido ao seu altíssimo valor sentimental.

A prataria era ricamente ilustrada, e os desenhos contavam a história de um amor proibido (as maiores histórias de amor são sempre de amores proibidos), ocorrida na China, dos milênios distantes... A avó contava a história à poetisa, e Cora Coralina, alma lírica e sensível, mesmo em tenra idade, viajava na imaginação, ouvindo as narrativas fantásticas de sua amada, porém rígida, avó.

Daí já se pode imaginar o que se sucedeu: um dia, o prato aparece quebrado, como se obra do acaso. A avó se desespera, fazem-se inquéritos para descobrir o autor do hediondo crime, espatifando lembranças caras, ternas, do passado da velhinha. E, não elucidado o mistério, põe-se a avó a chorar profundamente pela perda de seu último prato, de uma rica baixela de noventa e duas peças, presente de seu casamento.

Como já disse, Cora Coralina era uma alma sensível, lírica, e por isso, ao ver a sua avó chorar tão sinceramente assim, desatou a chorar também, profundamente sentida pela perda de material sentimental tão valioso para as memórias da avó amada (e temida). Além disso, quebrou-se também naquele incidente doméstico a linda história de amor entre os amantes fugitivos, contada no prato, uma perda irreparável para a literatura de sua imaginação.

Ah, que sensibilidade fora de hora! A família imediatamente interpretou as lágrimas da poetisa como remorso, confissão de culpa, e ela foi imediatamente apontada como ré, à revelia. Não adiantaram negativas, conta a poetisa, já que era uma desastrada, com uma extensa ficha pregressa de infrações domésticas, destruindo vasos, xícaras, ricas travessas de fina porcelana.... A família reuniu-se em assembleia e se deliberou que o castigo constituiria, nas palavras da própria poetisa, em uma tunda de chineladas.

A avó, porém, arbitrou e comutou o castigo por um costume muito antigo, que consistia em pegar um caquinho do que fosse quebrado e, com ele, fazia-se uma espécie de “colar da vergonha”, que era então colocado em torno do pescoço do “criminoso”, como prova de sua estultícia, e que ele era obrigado a usar o tempo todo, aonde quer que fosse, durante algum tempo. Cora Coralina, muito sentimental, preferiria ter tomado sua tunda de chineladas, castigo imediato e consumado, ainda que ela fosse inocente, mas ao menos não se veria exposta por aproximadamente um mês, quando finalmente se retiraria o colar e estaria expiada a culpa, mas seu caráter para sempre manchado com a pecha de desastrada, tonta, sem-serventia, e um bom bocado de outros xingamentos cruéis, da gente do interior.

A poetisa sentiu na pele a prebenda de que há hora para tudo, inclusive para mostrar esse valor tão humano, que é a sensibilidade, que ela teve em comungar a dor de sua avó, pela perda de sua baixela, de noventa e duas peças, presente de casamento.

Exemplar 3 (Da seção: Viagens)

Ouro de tolo

Estou visitando o Museu Imperial, em Petrópolis, Rio de Janeiro. Ali jazem esquecidos no tempo os restos mortais de uma época de “glamour”, sonho e grandiosidade: roupas, baixelas de cristal, ouro e prata, biblioteca, ricas joias, a coroa real, enfim, tudo que pertenceu à família imperial, que reinou no Brasil, até ser deposta pela Proclamação da República.

Numa vitrine, um pequeniníssimo artefato captura os meus olhos: é um anel, com uma pedra já embaciada pela passagem inexorável do tempo. Minha mente começa então uma viagem rápida no torvelinho da imaginação.

E fantasiei então que havia uma princesa, a quem tão majestosa joia um dia pertenceu. Um escravo, apaixonado por uma escrava, que por sua vez era apaixonada por um nobre, cisma de repente que, para vencer tão poderoso rival, homem branco, dono de posses, só precisa ter aquela joia para dar à negra amada, que o recusa, preferindo o homem de olhos verdes, cor de joia esmeralda.

Num átimo, o escravo apaixonado perde a cabeça e rouba a joia quando a ocasião lhe foi favorável. A negra sorri vaidosa, uma joia daquelas, nunca que teria nos dedos... Ardilosa, seu corpo, empresta-o ao escravo, mas seu coração... Este continua suspirando pelo nobre dos olhos cor de esmeralda. Mas que pena, não pode usar sua joia. Como justificar sua posse? Como uma escrava poderia ostentar aquela riqueza? Tinha que usá-la às escondidas.

Um dia, experimenta-a, e se entrega à vaidade de ficar apreciando-a, apreciando-a, até que, cansada de tanto trabalho, adormece, inadvertida. Descobrem-lhe a joia desaparecida no dedo. Ato contínuo, deduzem como ali fora parar: aquela que nunca se dignou a olhar para o escravo, andava toda derretida de amores (e favores) para com o pobre negro.

Açoiaram os dois escravos por dias. Adoentados, ambos morrem: um de amor; o outro, de vaidade. E se passaram muitos, muitos e muitos anos nas areias da ampulheta do tempo. Já estamos em 2015!

Ali jaz, esquecida, a joia da discórdia, sem princesa vaidosa, nem escrava enamorada, coberta pela fina poeira depositada grão a grão pelo tempo, pai de todos os esquecimentos.

Exemplar 4 (Da seção: Inquietações, assuntos sérios)

Direito à Felicidade

Entre os direitos fundamentais do homem, está o direito à busca pela felicidade, como está proposto na Declaração Universal dos Direitos do Homem, herança dos Iluministas.

Já nos desafiou a poetisa Cecília Meireles, no seu repto poético: “Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há quem explique, e ninguém que não entenda.” Todo mundo deveria ter a liberdade necessária na sua luta para conquistar a felicidade.

Todo o mundo sabe o que é a felicidade, mas, como ninguém sabe explicá-la, apenas senti-la, muitas pessoas não podem entender, ou por malícia não se dispõem a entender, o que significa a felicidade que o outro está buscando, daí nascem as incompreensões, as revoltas, as repressões, a intolerância, sentimentos mesquinhos e nefastos que desagüam todos no mar profundo do ódio e da violência.

No entanto, malgrado a dificuldade em se explicar o que é a felicidade, seria simples aceitar a felicidade do outro, se simplesmente respeitássemos essa verdade cristalina: que eu não queira para o próximo aquilo que eu não quero para mim. A vida é simples e bela, mas nós a transformamos, como diz certa oração, num “vale de lágrimas”, onde gememos nossa dor e sentimos na boca o travo amargo da infelicidade e do medo da solidão.

Mas enquanto houver no mundo quem lute para libertar a felicidade do domínio das trevas da incompreensão, da ignorância e da tirania, reinará na terra a esperança por um mundo onde o homem possa cumprir a sua divina vocação de ser feliz.

Exemplar 5 (Da seção: Notícias)

Ainda há muita gente boa no mundo... haverá?

O brasileiro, sempre tão carente de exemplos no mundo da política, desanimado com tanto desmando e corrupção, alegra-se quando vê nos noticiários que um homem pobre encontra uma mala de dinheiro (em geral, muito dinheiro, como se para tentar a pessoa), mas, cioso do que é correto, devolve-o ao dono, e o brasileiro então coroa sua alegria de assistir a essa cena com essa reflexão: “Ainda há muita gente boa no mundo” (e com “mundo” querem dizer Brasil, ainda mais que o brasileiro goza de uma fama de povo cordial, que, suspeito, não é inteiramente procedente.)

Outro dia, vi uma pegadinha (câmera escondida) que, apesar de trazer uma lição útil, tem um problema gravíssimo, pois expõe os participantes, flagrados em atos desonestos. Vamos ao caso: um jovem vai pelas ruas falando ao celular, quando simula deixar cair sua carteira no chão, por distração, ao tentar colocá-la no bolso. Aqui vem o teste: quantos transeuntes, que presenciaram a tal “distração”, devolveram-na ao dono?

Para surpresa dos autores desse “projeto de pesquisa social” (que exhibe os participantes sem qualquer disfarce, não há sequer uma tarja para encobrir o rosto das pessoas), a maioria dos envolvidos preferiu surrupiar a carteira. Segundo o “estudo”, foram 70 por cento dos participantes, contra apenas trinta que devolveram a carteira.

O que me parece muito grave, porque, se o povo brasileiro é, como se generaliza, cordial, “a conta não fecha”, como se diz. O “estudo social”, se é que assim possa ser chamado, já que não foi ético com os participantes, que não sabiam que estavam sendo filmados, e o que é pior, divulgados na internet, de toda forma lança luz sobre essa questão: será que a política já naturalizou a desonestidade como algo normal? Ou será que sempre fomos assim, que não há essa história de “muita gente boa no mundo”? Que tudo sempre foi um mundo cão?

No mínimo esse “experimento” serve para mostrar uma coisa: é preciso que as escolas, as igrejas, a família (e a quem mais competir) insistam nos valores da solidariedade, da honestidade, da consideração pelo próximo. Só um homem que sabe ter empatia com o próximo devolveria uma pasta cheia de dinheiro ao verdadeiro dono, pois só ele é capaz de pensar a dificuldade pela qual seu dono passou para amearhar aquela quantia, sabe lá

quem está precisando dela (talvez uma pessoa muito doente em um hospital, para pagar um transplante?). E, mesmo que assim não seja, o dinheiro não lhe pertence: a honestidade ainda é um valor em si mesma, e todo mundo espera ser tratado com honestidade (os desonestos, inclusive), razão pela qual todos somos obrigados a retribuir.